

MESA

21 NOV

11H – 13H

FAKE NEWS E BIG DATA: O PAPEL DA LINGUAGEM

Coordenação: Edwiges Morato (IEL/UNICAMP)

Participantes: Marcelo Buzatto (IEL/UNICAMP), Oto Vale (UFSCar), Ester Colombini (IC/UNICAMP)

RESUMO I

FAKE NEWS E A VOZ DO WETWARE: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM TEÓRICA

Marcelo El Khouri Buzato

Unicamp, Doutor, mbuzato@unicamp.br

Objetiva-se propor um modelo ecológico, de inspiração pós-humanista, para o estudo de formas textuais-discursivas voltadas para a desinformação e a manipulação da opinião pública nas mídias sociais, o que inclui as fake news. Trata-se de conceber a produção e a circulação sistemáticas de mentiras de aparência plausível num sistema de interpretância composto por três camadas de atividade integradas em diferentes escalas: a física (hardware), a lógico-probabilística (software) e a biopsicossocial humana (wetware). Toma-se, da semiótica ecossocial de Jay Lemke, o princípio de que as interações materiais-semióticas se organizam em escalas “empilhadas”; sendo que as escalas superiores capturam graus de liberdade disponíveis em escalas inferiores para gerar novas formas de atividade própria, estabelecendo-se, assim, escalas intermediárias. Propõe-se tratar as fake news como entes da escala entre a das interações locais quotidianas e a do processamento da massa de dados capturados pelo software das mídias sociais, que produz correlações entre perfis de usuários e suas avaliações (relevância, concordância, desejabilidade) dos enunciados. Do trabalho de N. Kathrin Hayles sobre o ciborgue, empresta-se o conceito de “cognição técnica”; para explicitar a agência de robôs e IAs de mídias sociais na geração de nichos específicos do sistema ecossocial (ou “bolhas”) a partir dos referidos padrões de correlação. Da investigação sobre os modos de existência de Bruno Latour, toma-se o princípio de que as ontologias partilhadas por grupos culturais e instituições sociais são resultantes de modos particulares de articulação de enunciados, que implicam

interpretações particulares da totalidade da existência, o que, por sua vez, gera um multiverso em que seres particulares sustentam sua própria existência passando(-se) por outros seres. Assim, quando o cidadão comum aceita o seu nicho como totalidade, o wetware (o elemento do sistema que opera sentido e emoção de forma interligada e inseparável) pode ser hackeado por enunciados desejáveis, que a cognição técnica aceita por serem verdadeiros logicamente, mas que, não resistindo à prova da referência concreta/material, não constituem seres próprios da ciência (também chamados de “fatos”). Espera-se que o modelo em construção, derivado de uma pesquisa anterior sobre ética pós-humana, seja útil para uma abordagem interdisciplinar da crescente “entropização” da esfera pública, ao facilitar o entrecruzamento de seres/saberes internos da linguística, assim como os dela com os das ciências sociais, biológicas e da computação, e ainda os do direito e os das artes, entre outros.

Palavras-chave: fake news; pós-humanismo; semiótica ecossocial

RESUMO II

TIPOLOGIA DAS NOTÍCIAS ENGANOSAS: COMO DISTINGUIR UMA VERDADEIRA FAKE NEWS?

Oto Araújo Vale

DL-UFSCar, otovale@ufscar.br

Aquilo que chamamos aqui de notícias enganosas existem há muito tempo. Algumas, como o Protocolo dos Sábios do Sião, foram determinantes para aumentar e fomentar a onda de antissemitismo na Europa no início do Século XX. Além disso, a criação de notícias enganosas é um aspecto fundamental em tempo de guerra, quando a veracidade informação pode ser decisiva. As notícias enganosas se tornaram um problema de peso na sociedade principalmente a partir da consolidação das redes sociais. E essa difusão em massa desse tipo de notícia acabou por influenciar eleições em todo o mundo ocidental. Nesse sentido, essas notícias se tornaram um problema para a sociedade e, também, um problema linguístico. Neste trabalho aborda-se uma tipologia das notícias enganosas a partir da busca de pistas linguísticas que possam caracterizar e, portanto, tornar passíveis de identificação automática essas

notícias. Para tanto, é necessário estabelecer uma caracterização dos diversos tipos de notícias enganosas. Nesse sentido, boatos, informes equivocados, sátiras e notícias criadas expressamente com a finalidade de serem utilizadas para fins enganosos podem ser num primeiro momento confundidos. A pergunta de base seria assim formulada: é possível identificar traços lingüísticos particulares a cada uma das categorias de notícias enganosas? Descrevemos aqui uma pesquisa que se encontra em andamento e que já teve alguns resultados interessantes. O primeiro passo realizado foi o de coletar um corpus de notícias claramente enganosas (Monteiro et al, 2018) e extrair dele alguns padrões a partir de taxonomias já conhecidas para buscar conteúdo enganoso (Zhou, 2004). Isso inclui, por exemplo, o tipo de verbos, adjetivos e advérbios utilizados, o tamanho das sentenças e o uso da pontuação. A partir disso, foram utilizados algoritmos de aprendizado de máquina, formalizando para o computador as pistas lingüísticas com vistas a identificar aquele tipo de notícia. Isso era feito em contraste com notícias verdadeiras colhidas em sites de informação confiável, ou seja, a grande imprensa. Naquele primeiro trabalho já foi possível identificar com uma boa precisão novas notícias falsas. Os próximos passos dizem respeito à busca de elementos de distinção lingüística entre notícias verdadeiras, notícias expressamente enganosas e outras notícias de conteúdo enganoso. Para tanto, estão sendo constituídos corpora de cada uma das categorias que deverão ser submetidos ao mesmo tipo de descrição.

Palavras chave: notícias enganosas; descrição lingüística; lingüística computacional

RESUMO III

FAKE NEWS: COMO A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, O CÍRCULO SOCIAL E A EMPATIA SE ENCONTRAM NA DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS

Esther Luna Colombini

Instituto de Computação – Unicamp

A capacidade de uma máquina de realizar tarefas baseada em dados coletados do mundo está revolucionando e remodelando a forma como a computação se relaciona com a sociedade. Outrora

restritos a sistemas de controle de estoque, venda de passagens ou computação científica, hoje os famosos “algoritmos” são notícia na mídia por sua notável capacidade de prever a probabilidade de um paciente desenvolver uma doença específica ou recomendar uma obra baseada na análise do perfil do leitor. Estamos entrando na era da Inteligência Artificial (IA) e os seus possíveis benefícios para a sociedade são incontáveis. A ONU, através do projeto “IA para o Bem”, por exemplo, busca identificar aplicações práticas capazes de acelerar o progresso da área na direção do desenvolvimento sustentável. Entretanto, a história da humanidade tem mostrado que nem todo conhecimento científico e tecnológico tem sido usado para o crescimento comum. Nessa direção, o movimento Brexit foi um dos primeiros exemplos conhecidos do uso da IA para o aliciamento de simpatizantes na direção de uma causa. Algoritmos capazes de agrupar pessoas em nichos e de reconhecer o padrão de atividade e perfil das mesmas tornaram um grupo menosprezado pelos modelos clássicos de estudo de eleitorado o foco de interesse de operadores a favor da saída do Reino Unido da Comunidade Europeia. Os anúncios a favor do Brexit foram favorecidos por terem sido apresentados a estes grupos dentro de seus círculos sociais. Estudos mostram a importância do alinhamento ideológico quanto a tomada de decisão nos diversos círculos. Experimentos neurocientíficos demonstram, por exemplo, que a área do cérebro referente a dor é ativada em um companheiro que observa outro sofrer, e este comportamento espelho parece ser uma das bases do comportamento empático. No entanto, os mesmos experimentos mostram que diante do sofrimento de uma pessoa não ideologicamente alinhada, a área do cérebro do observador afetada é aquela referente ao prazer. A possível facilitação causada pelo círculo social, a natureza dos algoritmos aplicados nas redes sociais e o uso da IA para identificação de padrões e segmentação de grupos de indivíduos mais propícios a receberem determinadas notícias convergiram para uma receita explosiva na disseminação das “Fake News” nos últimos anos. Entretanto, ao invés de demonizarmos a IA, parece oportuno compreender as estratégias a partir das quais suas técnicas podem atuar no sentido de neutralizar as manipulações que dela se tem feito nestes cenários.